LV

CELESC: GOVERNO DEVE INDICAR NOVOS CONSELHEIROS EM REUNIÃO DO CA NESTA SEXTA

LEIA NA PG. 2

DESDE 1988
AO LADO DOS TRABALHADORES

INTERCEL | INTERSUL | JORNAL LINHA VIVA Nº 1565 - 19 DE JANEIRO DE 2023

#REESTATIZAELETROBRAS

COM O GRUPO 3G NO COMANDO, ROMBO BILIONÁRIO DAS LOJAS AMERICANAS PODE SE REPETIR NA ELETROBRAS.

SALVE A ENERGIA
PELA REESTATIZAÇÃO DA ELETROBRAS

ELETROBRAS

PRESIDENTE LULA CRITICA FARRA DE SUPERSALÁRIOS DOS DIRETORES E CONSELHEIROS DA ELETROBRAS PRIVATIZADA

Turma que tomou conta da Eletrobras corre contra o tempo para inviabilizar reestatização

Na última quinta-feira, dia 12, na posse da nova presidenta da Caixa Econômica Federal, a trabalhadora Rita Serrano, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva discursou sobre "badalado humor do mercado financeiro" quando o governo investe no Estado. Lula fez duras críticas ao episódio recente que já é de domínio público: a farra dos supersalários e bonificações de diretores e conselheiros na recém privatizada Eletrobras.

Na posse de Rita, o presidente Lula disse que "a Eletrobras foi privatizada e aumentaram o salário deles. Parece que o salário foi para R$ 300 mil por mês e era R$ 60 mil", sobre o presidente da empresa. "Mais grave ainda, fiquei sabendo agora: sabe quanto ganha um conselheiro da Eletrobras? R$ 200 mil por mês para participar de uma reunião. Isso não é gasto? Não é jogar dinheiro fora? Como vou botar ministros ou secretário executivo? Vão ganhar cinco vezes mais que presidente da República. Cadê a seriedade nisso? Cadê as pessoas que cobram seriedade?"

O presidente Lula tem razão. A Privatização da Eletrobras foi uma farra do boi. Empreendimentos amortizados, pagos pelo povo brasileiro tiveram [como condicionante da Privatização] as concessões renovadas por 30 anos, com o aumento da conta de luz. Tudo isso para bancar supersalários e bonificações, além dos dividendos de acionistas. A FIESP estima que no tempo das novas concessões, a privatização da Eletrobras vai onerar as famílias, a indústria, toda a cadeia da economia em R$ 500 bilhões no período de 30 anos. É como se a Eletrobras fizesse um novo bilionário todo mês. Isso com o aumento da minha, da sua, da nossa conta de luz. Aumento da conta de luz impacta na inflação. Aumento da inflação destrói a economia e já vimos no Brasil mais de uma vez que economia destruída derruba governo.

Por isso a equipe de transição falou de uma bomba de R$ 500 bi a ser desatada no setor elétrico. A desfaçatez do "Deus mercado" é tão escancarada que, nesta semana, o analista Sergio Oba, da Empiricus Research, publicou uma análise sobre a Eletrobras. O texto foi repercutido no site Money Times, que chama a empresa de "vaca leiteira de dividendos". Essa coisa de sugar o último centavo é peculiar daqueles que participaram da privatização da Eletrobras. Conselheiros e diretores recebem supersalários e bônus aprovados por acionistas e compensam esses acionistas em uma parruda distribuição de dividendos. Só quem perde é o povo, que paga a conta.

Com receio da reestatização da Eletrobras desde a eleição presidencial de Lula, a turma que tomou conta da Eletrobras tem corrido contra o tempo para tentar tornar a operação de privatização irreversível. O presidente da Eletrobras, Wilson Pinto Jr, teve a pachorra de dizer recentemente em entrevista no Jornal Valor que confia nas poison pills contra "arrobos estatizantes na Eletrobras". O testa de ferro da maracutaia na Eletrobras se refere às cláusulas leoninas e draconianas da privatização. Está muito nítido que essa turma que tomou a Eletrobras não quer largar o osso, não quer abrir mão da mamata. Agora, mais do que nunca, fica claro ao presidente Lula e a todo o novo governo que a única forma de conter essa gente que quer deixar na Eletrobras um rombo como o do escândalo das Lojas Americanas é devolvendo a Eletrobras ao povo brasileiro. Cancelando as cláusulas leoninas, recuperando o poder de voto para, em seguida, retomar o controle, reestatizar a Eletrobras para que o Brasil volte a crescer de maneira sustentável e soberana. Já para essa turma bolsonarista que mama nas tetas da Eletrobras, só existe um destino: justiça e reparação.

CELESC

APÓS POLÊMICAS, MUDANÇA DE GESTÃO NA CELESC PARECE INDICAR PARA FINAL MENOS TRAUMÁTICO

Nova reunião do Conselho de Administração da empresa deve acontecer nesta sexta-feira, dia 20

A edição 1564 do Linha Viva trouxe como um dos destaques as polêmicas na mídia em que o nome da Celesc esteve envolto nos últimos meses. O fechamento daquela edição do jornal ocorreu antes do surgimento de mais uma polêmica nos jornais: o Conselho de Administração indicado pelo ex-governador Carlos Moisés rejeitaria o nome do diretor-presidente interino (Vitor Lopes Guimarães), indicado pelo governador Jorginho Mello. Ato contínuo, após rejeitar o nome de Vitor, que é engenheiro de carreira da casa e foi eleito Diretor Comercial pelos trabalhadores, os Conselheiros que representam o governo do estado renunciaram aos seus mandatos - sem que ninguém compreendesse ao certo a explicação para, num mesmo dia, negarem o nome de Vitor e, no mesmo dia, renunciarem aos seus mandatos no Conselho. O Boletim 25 do Conselheiro Paulo Horn, enviado para a categoria na quinta-feira da semana passada, traz em detalhes o relato sobre este caso.

Nesta sexta-feira, 20 de janeiro, está agendada nova reunião do Conselho de Administração da empresa. A categoria espera com expectativa os nomes indicados pelo governo do estado - acionista majoritário - para compor o CA da Celesc. Do mesmo modo, há grande expectativa pelos nomes que irão compor a nova diretoria e os sinais que indicarão se Jorginho pretende mesmo manter a Celesc Pública - honrando com sua palavra - ou se agirá em sentido contrário. Não custa lembrar que o indicado por Jorginho para a presidência da Casan, Laudelino Bastos, registrou de forma explícita que "a Casan seguirá como empresa pública". É este mesmo anúncio que os empregados da Celesc esperam do novo presidente e da nova diretoria a ser indicada pelo governador.

E os Grupos de Trabalho?

Os Grupos de Trabalho da Isonomia (anuênio e gratificação de férias para os novos empregados) e da Revisão do Plano de Cargos e Salários (PCS) seguem se reunindo. Sindicatos da Intercel e representantes da direção da Celesc - ainda que esteja passando por esse momento turbulento - tiveram uma reunião na quarta-feira da semana passada e outras duas reuniões na quarta-feira dessa semana (ontem). Apesar dos avanços terem sido pequenos até o momento, é positivo o fato dos debates continuarem a ocorrer mesmo em meio a esse mometo conturbado. A expectativa da categoria é que a nova direção da companhia coloque em prática os resultados dos Grupos de Trabalho e faça justiça com os empregados - que vem sofrendo com a falta de isonomia e sem a revisão do PCS por vários anos.

ELETROBRAS

EFEITO ORLOFF: COM GRUPO 3G NO COMANDO, ROMBO BILIONÁRIO DAS LOJAS AMERICANAS PODE SE REPETIR NA ELETROBRAS

Publicidade de vodca explica relação entre Lojas Americanas e Eletrobras

Um grupo de empresários que representa o que há de mais retrógrado na economia mundial fez lobby e conduziu a operação que tomou de assalto a Eletrobras. Estamos falando da 3G Radar de Jorge Paulo Lemann, Marcel Telles e Beto Sicupira. A 3G Radar está agora envolvida em mais um escândalo: é a principal acionista das Lojas Americanas, uma das mais tradicionais empresas de varejo e e-commerce da América Latina.

O carioca Sérgio Rial, de 62 anos, ficou apenas dez dias na função de CEO das Americanas. Nesta semana, ele denunciou um rombo de R$ 20 bilhões e "inconsistências contábeis" no balanço financeiro da empresa, que teria acontecido nos exercícios anteriores a 2022. Ao que parece, a denúncia de R$ 20 bilhões é só a ponta do iceberg. Já aparecem valores de endividamento assumido (antes omitido) de R$ 40 bilhões. E essa conta pode ser muito maior e levar a tradicional Lojas Americanas à falência.

Isso ligou o alerta em todas as empresas em que o grupo 3G Radar usa a estratégia de iminência parda ('éminence grise'), um poderoso assessor ou conselheiro que atua "nos bastidores" ou na qualidade não pública ou não oficial manipulando testas de ferro.

Pois foi justamente Lemann e sua turma do 3G que operaram a Privatização da Eletrobras, colocaram Wilson Pinto como testa de ferro e chamaram a operação de Corporation, mas quem dá as cartas na Eletrobras hoje é justamente o grupo 3G. Não custa lembrar que foi o grupo 3G de Lemann que colocou Elvira Presta como diretora financeira da Eletrobras, ainda no governo Temer. já com o intuito de preparar a privatização da Eletrobras. Na Eletrobras já se aplica o falido método 3G de gestão, difundido por Vicente Falconi, o tal Orçamento Base Zero, uma fórmula perfeita de destruir empresas, cortando custos e desmontando a memória técnica e a capacidade de inovação. Parte do pacote que eles maquiam com nomes como 'downsize' e 'turnaround'.

Nos dias de hoje, aliás, não só Elvira continua na diretoria da Eletrobras, como o próprio Falconi está no Conselho de Administração da empresa. Agora, porém, todos com seus devidos supersalários e bônus milionários. A história confirma que o grupo 3G gosta mesmo é de monopólio. Criou o monopólio da cerveja com a AmBev no Brasil, comprando a Antártica e a Brahma. E até hoje, quando as cervejas da AmBev perdem mercado, o que faz a AmBev? Compra cervejarias concorrentes. Nos últimos anos, o grupo 3G de Lemann adquiriu outras empresas, como as Americanas e a tradicional fabricante estadunidense de alimentos processados Kraft-Heinz. A 3G quebrou a Kraft-Heinz e as Lojas Americanas estão indo para o mesmo caminho. Esse também será o destino da Eletrobras?

O caso das Americanas é ainda mais parecido ao da Eletrobras, uma vez que as duas companhias são também clientes da mesma empresa de auditoria externa, a Price Waterhouse Cooper (PwC). A mesma Auditoria que não viu os rombos bilionários das Americanas, chancelou os balanços de Furnas e da Eletrobras depois de uma operação extremamente suspeita de aquisição e aumento de capital da falida Usina de Santo Antônio. Tudo feito às pressas, com direito a republicação de balanço no Brasil e em Nova York. Absolutamente, um vale tudo para viabilizar a Privatização da Eletrobras!

> "É preciso retirar a Eletrobras urgentemente das mãos desse capital parasita e devolvê-la aos brasileiros. Caso contrário, a Eletrobras será as Lojas Americanas de amanhã e a conta sobrará para todo o País"

Para a Intersul, a PwC, definitivamente, não é confiável. E o grupo 3G de Lemann é um sanguessuga de empresas. Compram empresas maduras, com mercado consolidado, cortam custos até o osso, aumentam margens de lucro às custas da competitividade até que as empresas quebrem. Mas aí os donos da 3G já multiplicaram muitas vezes seu baixo investimento. Esses parasitas nunca criaram nada, além de crise e destruição.

Os rentistas da 3G conseguiram privatizar a Eletrobras com o argumento de que haveria mais investimentos. Passados mais de seis meses da privatização, não se viu investimento nenhum. Mas não faltou demissão em massa e aumentos absurdos de remuneração para os administradores, enquanto a empresa registra o primeiro prejuízo em muitos anos.

Em 1987, uma criativa publicidade de vodca fez famosa a frase "eu sou você amanhã", dela se originou a expressão "Efeito Orloff" (a marca da vodca da publicidade), para nomear o que poderia acontecer amanhã, no futuro, com determinado indicador. É preciso retirar a Eletrobras urgentemente das mãos desse capital parasita e devolvê-la aos brasileiros. Caso contrário, a Eletrobras será as Lojas Americanas de amanhã e a conta sobrará para todo o País.

LV

EXPEDIENTE

Linha Viva é uma publicação da Intersindical dos Eletricitários de Santa Catarina - INTERCEL e da Intersindical dos Eletricitários do Sul do Brasil - INTERSUL
Jornalista responsável: Leonardo Contin da Costa (MTE 6550/SC)
Conselho Editorial: João Roberto Maciel
Estagiária: Ana Júlia Gonçalves

Rua Larcerda Coutinho, 149, Florianópolis, SC | CEP 88015-030
E-mail: sinergiajornal@gmail.com
As matérias assinadas não correspondem, necessariamente, à opinião do jornal.

EDITAL DE CONVOCAÇÃO
ELEIÇÕES SINDICAIS

Pelo presente Edital, o Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Eletricitários do Vale do Itajaí-SINTEVI, no uso de suas atribuições e coforme o Estatuto da entidade, faz saber que no dia 22/03/2023, nos horários e locais de trabalho abaixo discriminados, será realizada eleição para composição da Diretoria, Conselho Fiscal e Representante junto à entidade de grau superior, bem como de suplentes, ficando aberto o prazo de quinze dias para o registro de chapas, a contar a partir da data da publicação deste edital, nos termos do art. 35, parágrafo primeiro e segundo do Estatuto do Sindicato.

O requerimento acompanhado de todos os documentos exigidos para o registro, será dirigido a Comissão Eleitoral, podendo ser assinado por qualquer dos componentes da chapa. A secretaria da entidade funcionará, no período destinado ao registro de chapas, no horário das 08h00m às 11h30me das 13h30m às 17h00, de Segunda a Sexta feira, onde se encontrará à disposição dos interessados, pessoa habilitada para atendimento, prestação de informações referentes ao processo Eleitoral, recebimento de documentação e fornecimento do recibo correspondente.

A impugnação de candidaturas deverá ser feita no prazo de cinco dias a contar da publicação da relação das chapas registradas. Havendo empate entre as chapas mais votadas, nova eleição será realizada no dia 29/03/2023, obedecendo aos mesmos locais e horários.

Blumenau, 12 de janeiro de 2023

Felipe Rafael K. Braga
Presidente do SINTEVI

Urna 01 • 08h00 às 08h15 | Barra Velha • 08h50 às 09h10 | Piçarras • 09h30 às 09h40 | Penha • 09h45 às 10h00 | Navegantes • 13h30 às 13h30 | Camboriú • 13h45 às 14h15 | B. Camboriú • 14h45 às 14h55 | Itapema • 15h30 às 15h45 | Porto Belo • 16h15 às 16h25 | Bombinhas	**Urna 02** • 07h30 às 08h00 | T. Central • 09h00 às 09h30 | Taió • 10h30 às 11h00 | Rio do Campo • 13h30 às 14h15 | Ituporanga **Urna 04** • 07h30 às 08h30 | DVOM • 08h45 às 11h30 | Sede Sintevi • 13h00 às 14h00 | Salto SPOM • 14h45 às 15h30 | Eletrosul • 15h45 às 17h00 | Sede Sintevi	**Urna 03** • 07h30 às 07h45 | Indaial • 08h30 às 08h45 | Apiúna • 13h30 às 14h00 | Timbó • 15h00 às 15h15 | Pomerode • 16h10 às 16h20 | Rodeio • 16h30 às 16h40 | Ascurra **Urna 05** • 07h30 às 10h00 | Celesc Centro • 11h00 às 11h30 | Gaspar • 13h30 às 14h00 | Brusque • 15h30 às 17h00 | Celesc Centro
Urna 06 • 07h30 às 08h30 | Ag. Rio do Sul • 10h00 às 10h15 | V. Meireles • 11h00 às 11h15 | P. Getúlio • 11h45 às 12h10 | Salto Pilão • 13h30 às 14h00 | Ibirama • 14h45 às 17h00 | Ag. Rio do Sul		**Urna 07** • 07h30 às 11h30 | Ag. Itajaí • 13h00 às 17h00 | Ag. Itajaí

NOTAS CURTAS:

- O DIEESE apresentou na semana passada os resultados da pesquisa do valor médio da cesta básica no Brasil (dados de dezembro/2022). Florianópolis aparece com a segunda cesta básica mais cara do País.

especial: 35 anos do jornal linha viva

O Linha Viva, a imprensa sindical e o jornalismo

por Gastão Cassel, jornalista e um dos idealizadores do Jornal Linha Viva

Olhar para o Linha Viva pelo retrovisor nos ajuda a entender a própria história do movimento sindical nas últimas décadas. Criado em 1988, o jornal se inseria na construção de um aparato de comunicação sindical que queria, além de dialogar com as categorias, interagir com a sociedade.

Naquele período histórico de redemocratização, os sindicatos voltaram com força após anos de repressão do regime militar, e a imprensa sindical era uma expressão dessa potência. Sindicato forte tinha que ter imprensa forte.

As assessorias de comunicação das entidades tiveram uma tarefa maior do que a tradicional mediação com veículos da mídia convencional. O desafio era criar uma imprensa própria, jornais próprios e, em casos mais raros, até rádios. Sindicatos poderosos como os Metalúrgicos do ABC e dos Bancários de SP chegaram a ter jornais diários distribuídos nas suas categorias. Em SC o Sindicato dos Bancários de Florianópolis foi o pioneiro com a semanal Folha Sindical.

O Linha Viva foi concebido dentro deste contexto, e dentro de uma visão de que a democratização da comunicação e a geração de conteúdos alternativos aos produzidos pela grande mídia tinham em si um potencial de disputa e emancipação. É como se a imprensa sindical tivesse a tarefa de divulgar visões e versões ocultadas, que teriam o condão de despertar consciências.

Um confronto dessa concepção com a realidade de hoje nos mostra que ela era ingênua, se não equivocada. Hoje as fontes de comunicação se multiplicaram, há informação por todos os lados, mas não necessariamente uma ampliação social da consciência de classe. Ao contrário, o desenvolvimento tecnológico abriu caminho para a "pós-verdade", as fake news e outros fenômenos perniciosos.

Mas essa autocrítica não diminui nem menospreza a importância da imprensa sindical, nem a necessidade de autonomia dos movimentos sociais para gerir sua comunicação, solidificar sua cultura e conectar valores democráticos e libertários.

A imprensa sindical catarinense desempenhou um papel importante nas discussões nacionais e acadêmicas sobre o tema. A existência informal do NOIS – Núcleo Organizado de Imprensa Sindical, principalmente articulado pelos jornalistas do Sinergia/Intercel/Intersul, Apufsc, Sindprevs, SEEB (antiga sigla do sindicatos dos bancários de Florianópolis) e SINTE deu corpo a uma visão de imprensa sindical que deveria extrapolar os "noticiários corporativos" para falar da luta dos trabalhadores em geral, de cultura, esportes e outros campos de informação que extrapolavam o limite de cada categoria.

No centro dessa visão, coirmã da tese do Sindicato Cidadão, estava a preconização da distinção do que seria nos veículos sindicais jornalismo ou propaganda. Aos jornais deveria caber função jornalística, com material produzido com critérios e rigores jornalísticos, com apuração, impessoalidade e compromisso ético. A propaganda caberia aos cartazes, panfletos, folhetos, etc.

A distinção entre essas duas modalidades de comunicação – o jornalismo e a publicidade – historicamente se mostraram um grande acerto. Pois num universo de proliferação das possibilidades de geração de conteúdo, como o que vivemos a partir da internet, as ferramentas do jornalismo são divisão de águas. Trata-se de diferenciar conteúdos aleatórios e amadores dos que são produzidos a partir de procedimentos técnicos e balizamentos éticos. Hoje a sociedade reconhece o jornalismo como um pilar da democrática, um jornalismo que, apesar de muitas imperfeições, é muito diferente de opinião.

Todos sabem que a "imparcialidade" jornalística é um mito, quando não uma fraude. Toda a informação produzida reflete um viés de visão de mundo. A edição começa na pauta e se estende pela seleção das fontes pessoais e documentais, nas perguntas que se faz aos entrevistados, na informação que se busca e ao que seleciona (esta palavra não é um acaso) para compor o texto escrito, falado ou gravado em vídeo.

Olhando o Linha Viva e a imprensa sindical pelo retrovisor vê-se grandiosidade, um importante papel cumprido entre intempéries e ilusões. Mas olhando para frente, vemos um longo caminho a percorrer. As entidades sindicais diminuíram de tamanho, mas não de importância, os recursos já não são abundantes como já foram. No entanto os desafios permanecem muito parecidos e, certamente, mais complexos.

A imprensa sindical nos tempos da cibercomunicação precisa ser tão forte como foi no tempo dos impressos e, onde ainda houver impressos como o Linha Viva, reposicionar a linguagem no contexto da dinâmica digital. Certamente falamos de uma combinação analógico e digital.

Mais do que nunca a imprensa sindical precisa ser profissionalizada e reforçar a noção de procedimento jornalístico para angariar público e credibilidade. Afastar-se da noção das "versões" para se apegar a materialidades, investigações, apurações e confronto de documentação.

O Linha Viva tem uma grande história para ostentar. Uma história de feitos, pioneirismo, debates, equívocos, acertos e desafios. Na sua grandiosidade o LV tem pela frente novos desafios, novos tempos. Mas, cá entre nós, quem veio até aqui com tanta vitalidade, vai muito mais longe.

Capa da edição 200 do Linha Viva, de 15 de outubro de 1992

Capa da edição 250 do Linha Viva, de 02 de dezembro de 1993

Capa da edição 250 do Linha Viva, de 13 de janeiro de 1994